

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CURSO EM LETRAS - PORTUGUÊS**

TAÍS RODRIGUES

**ESTÁGIO REMOTO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Alegrete

2021

TAÍS RODRIGUES

**ESTÁGIO REMOTO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras – Português da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras - Português.

Orientadora: Prof^a. M^a. Analva
Aparecida de Andrade Lucas
Passos

**Alegrete
2021**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

R696e Rodrigues, Tais

Estágio remoto na educação de jovens e adultos-relato de experiência / Tais Rodrigues.

42 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade Federal do Pampa, LETRAS PORTUGUÊS, 2021.

"Orientação: Analva Aparecida de Andrade Lucas Passos".

1. Educação de Jovens e Adultos. 2. experiência. 3. estágio supervisionado obrigatório. 4. ensino remoto. I. Título.

TAÍS RODRIGUES

**ESTÁGIO REMOTO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras – Português da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada Letras - Português.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 07 de junho de 2021.

Banca examinadora:

Prof^a.M^a. Analva Aparecida de Andrade
Lucas Passos
Orientadora
UNIPAMPA

Prof^a. Dr^a. Denise Aparecida Moser
UNIPAMPA

Prof. Dr. Lúcio Jorge Hammes
UNIPAMPA



Assinado eletronicamente por **LUCIO JORGE HAMMES, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 09/06/2021, às 06:22, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **DENISE APARECIDA MOSER, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 09/06/2021, às 09:46, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ANALVA APARECIDA DE ANDRADE LUCAS PASSOS, Usuário Externo**, em 09/06/2021, às 20:58, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.uninamoa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0543521** e o código CRC **9AE5BDD7**.

Dedico este trabalho a todos os jovens e adultos que, com muita coragem, enfrentaram as dificuldades do caminho em busca de sua formação educacional.

AGRADECIMENTOS

Aos professores, todos, que cruzaram meu caminho.

A todos os colegas de curso, especialmente à colega Camila Richardt. Muito obrigada pela parceria.

Aos meus familiares e amigos, por sempre acreditarem em mim, mesmo quando nem eu acreditava.

Aos meus filhos, obrigada por, em algum momento, escolherem-me como mãe. Prometo não desapontá-los.

Meu marido, “meu amor, você me dá sorte na vida”.

“Todo conhecimento começa com o sonho. O sonho nada mais é que a aventura pelo mar desconhecido, em busca da terra sonhada. Mas sonhar é coisa que não se ensina, brota das profundezas do corpo, como a alegria brota das profundezas da terra. Como mestre só posso então lhe dizer uma coisa: contem-me os seus sonhos para que sonhemos juntos.”

Rubem Alves

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso apresenta o relato de experiência vivida durante o período de Estágio Supervisionado Obrigatório em Língua Portuguesa e Literatura realizado, de forma remota, em uma turma do terceiro ano do ensino médio, na modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos), no Instituto Estadual de Educação Espírito Santo, da cidade de Jaguarão – RS. Tem por objetivo geral a reflexão compartilhada entre educandos (as), estagiárias e professores (as) sobre o ensino remoto em contexto pandêmico considerando-se as especificidades inerentes aos alunos de EJA. Questões como a causa do abandono escolar na infância e adolescência, consequências do abandono escolar e motivações para o retorno escolar foram analisadas e discutidas pelos envolvidos no processo, tendo a contribuição do professor Paulo César Fagundes do Amaral, pós-graduado em Educação de Jovens e Adultos. O processo de escuta aos educandos deu-se por meio de conversa informal entre esses e as estagiárias, mediado pela professora regente, Maria Elia Gonçalves Martins. A história da EJA e as políticas públicas a ela direcionadas também são questões aqui comentadas. Como principais resultados destacam-se o novo olhar sobre a EJA, ainda mais respeitoso, e como a trajetória acadêmica de universitária, após a idade adequada, pode contribuir na formação profissional desta pesquisadora, para futura atuação em turmas desta modalidade. Concluindo-se que a educação, de forma remota, não está acontecendo de forma igual para todos e que a formação de novos professores não contempla, ainda, as especificidades da Educação de Jovens e Adultos.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Experiência. Estágio supervisionado obrigatório. Ensino remoto.

RESUMEN

Este Documento de Conclusión de Curso presenta el relato de La experiencia vivida durante el período de Pasantía Obligatoria Supervisada en Lengua y Literatura Portuguesa realizada, a distancia, en una clase de terceraño de bachillerato, en la modalidad EJA (Educación de Jóvenes y Adultos), en la Escuela Instituto de Educación Espírito Santo en la ciudad de Jaguarão - RS. Teniendo como objetivo general la reflexión compartida entre estudiantes, pasantes y docentes sobre la educación a distancia en un contexto pandémico considerando las especificidades inherentes a los estudiantes de EJA. Temas como la causa del abandono escolar en la infancia y en la adolescencia, las consecuencias del abandono escolar y las motivaciones para el regreso a ésta, fueron analizados y discutidos por los involucrados en el proceso, con el aporte del profesor Paulo César Fagundes do Amaral, posgrado en educación de jóvenes y adultos. El proceso de escucha de los alumnos se llevó a cabo a través de una conversación informal entre ellos y los pasantes, mediada por la profesora regente, Maria Elia Gonçalves Martins. La historia de EJA y las políticas públicas dirigidas a ella, también son temas aquí comentados. Como principales resultados, destaco mi nueva visión sobre esta modalidad, que es aún más respetuosa, y de cómo mi trayectoria académica como estudiante universitario después de la edad apropiada puede contribuir a mi formación profesional para un futuro trabajo en clases de esta modalidad. Se concluye que la educación, a distancia, no se está dando de misma manera para todos y que la formación de nuevo docentes aún no contempla las especificidades de EJA.

Palabras clave: Educación de Jóvenes y Adultos, Experiencia, Pasantía supervisada obligatoria en idioma português, Enseñanza remota.

LISTA DE SIGLAS

CEAA - Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos

EDUCAR - Fundação Nacional para a Fundação de Jovens e Adultos

EJA- Educação de Jovens e Adultos

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização

PNAC - Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania

PROEJA - Programa da Integração da Educação Profissional para Jovens e Adultos

SEDUC-RS - Secretaria da Educação do Estado do Rio Grande do Sul

SEA - Serviço de Educação de Adultos

SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

TCTs - Temas Contemporâneos Transversais

USP - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 EU E A EJA. HISTÓRIAS QUE SE CRUZAM	13
2.1 História da EJA no Brasil	15
3 EU, PROFESSORA!	18
3.1 Sobre os conteúdos desenvolvidos	19
3.2 Descrição da atividades realizadas	20
3.2.1 Cronograma	20
3.2.2 Desenvolvimento	21
3.2.2.1 Primeiro encontro	21
3.2.2.2 Encontros assíncronos	21
3.2.2.3 Encontros síncronos	21
3.2.2.4 Encerramento	22
3.3 Atividades Complementares	22
3.4 Avaliação	22
3.5 Das observações das aulas	22
4. O QUE É A EJA?	24
4.1 Segundo a lei	24
4.2 Quem são os alunos da EJA?	25
4.3 Os professores da EJA	26
4.4 As tecnologias digitais e o ensino remoto na EJA	27
5 METODOLOGIA	29
6 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS RESULTADOS	31
6.1 Entrevista realizada com Paulo César Fagundes Amaral	31
6.2 Entrevista realizada com Maria Elia Gonçalves Martins	33
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresenta o relato de experiência de estágio supervisionado obrigatório em Língua Portuguesa e Literatura, realizado de forma remota, em uma turma do terceiro ano do ensino médio, modalidade EJA, compartilhada entre educandos (as), estagiárias e professores (as) sobre o ensino remoto em contexto pandêmico considerando-se as especificidades inerentes aos alunos de EJA. As ferramentas de educação adotadas neste período pandêmico também são temas de debate deste trabalho.

Desde quando eu era estudante do ensino médio, os alunos de EJA inspiram meu respeito e admiração pela coragem de retornarem aos estudos depois de alguns, ou muitos, anos fora da escola. Durante o curso de Letras - Português, observei que quase nada se falava sobre essa modalidade de ensino, e a prática do estágio reforçou minhas inquietações. Como universitária em primeira formação, depois de muitos anos longe da escola, proporcionou uma identificação pessoal com os alunos da EJA.

Para a produção deste Trabalho, optei por uma abordagem metodológica qualitativa, a fim de valorizar a subjetividade dos sujeitos envolvidos e para proporcionar uma maior liberdade em formular e reformular questões à medida que surgiam durante o processo. Utilizei um questionário semi-estruturado aplicado a dois professores de EJA, a fim de coletar dados sobre suas respectivas percepções sobre o assunto.

Num primeiro momento, apresento um relato pessoal, os motivos que me levaram a ter um olhar mais atento sobre a EJA, seguido de um breve apanhado sobre a história da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. Logo em seguida, apresento meu relato de experiência de estágio interligado aos ensinamentos recebidos (ou não), na academia e o que os autores e estudiosos da educação dizem a respeito da modalidade EJA. A metodologia adotada para o desenvolvimento do trabalho será o próximo item. E, por fim, minhas considerações pessoais sobre o assunto escolhido como tema deste trabalho.

2 EU E A EJA. HISTÓRIAS QUE SE CRUZAM

“É preciso coragem para ter esperança.” – Mia Couto

No ano de 1997 concluí, com êxito, o Ensino Médio com formação técnica em agropecuária. Munida da cara e da coragem, movida pela ambição, prestei vestibular para medicina veterinária na UFRGS e, como era esperado para alguém que não tinha preparo, não passei. Eu sempre soube que essa era a probabilidade, mas no fundo, tinha esperança. Ainda que esta esperança fosse enfraquecida pelo fato de que, mesmo que eu passasse, meus pais, na época, não dispunham de condições financeiras para me manter estudando em Porto Alegre e me permitiram fazer o vestibular apenas como uma forma de me presentear com um passeio na capital. Mas a esperança é como a picada de uma formiga. Sabemos que a formiga não está mais lá, mas a ardência permanece.

Logo em seguida, de volta à (minha) realidade, ingressei no mercado de trabalho. Tive uma filha e fui mãe solo. Passei por algumas empresas da cidade, sempre na área administrativa e comercial. Recebi algumas promoções, mas nunca assumi um cargo de gestão porque não possuía formação superior. Casei, tive um filho, mudei de emprego, enfim, a vida parecia seguir seu curso. Mas a ardência continuava lá, na forma de meu hábito de leitora compulsiva. Então, eis que chega o momento de minha filha fazer o ENEM, (sim, porque para ela, este era o processo natural – educação infantil + ensino fundamental + ensino médio + ensino superior), e ela me desafiou a também fazer as provas, afinal, todos diziam que eu era muito inteligente. Decidi fazer e qual não foi a surpresa quando minha nota foi muito boa, apesar dos vinte anos que me separavam de uma sala de aula. Ao verificar minha pontuação pensei “E agora? O que eu faço com isso? Não posso desperdiçar esta oportunidade, talvez seja a última.” Me inscrevi para três cursos e optei por Letras porque, a princípio, me identificava bastante com literatura e pensei que seria o suficiente, ledo engano.

Com o decorrer do curso, meu gosto por Literatura só aumentou, porém de forma mais organizada. Aprendi sobre muitas coisas que me encantaram, como o processo de aquisição da linguagem. Mas minha maior expectativa era o estágio. Eu me via na sala de aula, interagindo com os alunos, abrindo janelas da mente, da alma. Mas nunca com crianças, sempre com jovens ou adultos. Então, tive a

oportunidade de ministrar um curso de preparação de jovens para o primeiro emprego. O curso reunia gestão empresarial, marketing digital, inglês básico, hotelaria e turismo e contabilidade básica. Precisei fazer muitas pesquisas sobre os assuntos para incrementar o conteúdo da apostila e preparar aulas. A experiência em sala de aula foi fantástica e, finalmente, pude dizer “é isso que eu quero fazer, quero ser professora”.

Com o decorrer do curso, amizades formadas, esperanças formuladas e ensinamentos recebidos, o pensamento crítico floresceu, e a educação de jovens e adultos passou a ser a formiga que me picou.

Tudo transcorria como o esperado. Preparávamo-nos para o último ano de faculdade, com ideias para o TCC, atividades para o estágio, planos para a formatura, entretanto, veio a pandemia e virou nossas vidas do avesso. Não precisamos mais de um vestido de formatura ou de um espaço para a recepção. Precisamos nos reinventar, e as nossas práticas de estágio também, assim como este TCC que, inicialmente tinha outro tema. Além de todas nossas preocupações, tínhamos que nos manter vivos, saudáveis, física e mentalmente, e nem sempre foi possível. A ardência só aumentava. Como estava acontecendo a educação de jovens e adultos? Só falávamos no ensino fundamental e médio.

Por uma graça do destino e por uma questão de ordem prática, fui designada a estagiar, de forma remota, em uma turma do terceiro ano do ensino médio, na modalidade EJA. E agora? A dúvida não era o *quê* fazer e sim *como* fazer. Juntei a cara, a coragem, minhas bagagens de vida e de academia, peguei a colega Camila pelo braço e disse: “vamos lá, é a minha hora”.

Finalmente, concluídas todas as etapas, percebi que os obstáculos não eram gigantes, eram apenas moinhos.

2. 1 História da EJA no Brasil

“Só somos parentes, pátria e cidadão, numa relação alimentada grão a grão, gota a gota.” – Mia Couto

A trajetória da Educação de Jovens e Adultos no Brasil tem início a partir da chegada dos jesuítas, com a catequização dos indígenas. O sentido da catequese esteve pautado nos interesses da sociedade colonialista, da exploração da mão-de-

obra servil e, posteriormente, escravagista, e no processo de aculturação. Nesse propósito, ao mesmo tempo em que os indígenas aprenderiam a falar, rezar, ler e escrever no idioma do colonizador suprimir a sua cultura de origem.

Em 1759, os Jesuítas foram expulsos pelo Marquês de Pombal, após a sua solidariedade, aos indígenas que resistiram a uma evidente tentativa de escravização. Iniciou-se, a partir de então a chamada laicização do ensino e o Estado passou a ofertar a instrução escolar, sem, no entanto, existir uma legislação de ensino que norteasse o ensino da EJA para a grande população analfabeta já existente no Brasil colonial (ARRUDA; PILETTI, 1988).

Após a vinda da Família Real para o Brasil (1808), houve uma demanda por trabalhadores que pudessem servir a corte portuguesa e, nesse sentido, ocorreu a necessidade de ofertar mais escolas para o público local. A partir desta época foi implantado o processo de escolarização de adultos com o propósito de que estes pudessem exercer o trabalho serviçal, servindo a realeza e também acatar as ordens, cumprir tarefas impostas pelo Estado.

De acordo com Arruda e Piletti (1988, p.165), “A realeza procurava facilitar o trabalho missionário da igreja, na medida em que esta procurava converter os índios aos costumes da Coroa Portuguesa”. A Primeira Escola Noturna no Brasil foi criada no ano de 1854, cuja finalidade era alfabetizar os trabalhadores analfabetos. Nos anos que se sucederam as escolas se expandiram com muita rapidez. É importante destacar que até o ano de 1874 já existiam 117 escolas, com fins específicos, ou seja, dependendo da região, algumas escolas tinham a finalidade de alfabetizar indígenas e outras conscientizar colonos sobre seus direitos e deveres.

No ano de 1881 foi instituído o Decreto nº. 3.029, conhecida como “Lei Saraiva”. Com a promulgação dessa lei ficou estabelecido que o analfabeto não tinha mais o direito ao voto.

No século XVIII houve uma desestruturação no ensino de adultos, ocasionado pela expulsão dos jesuítas do território brasileiro.

No período de transição Império-República (1887-1897), a educação foi vista como salvadora dos problemas da nação. Nesse período, iniciou-se várias mobilizações em prol da educação, por exemplo, condições didáticas, pedagógicas e ampliação da rede escolar. Também surgiram as ligas contra o analfabetismo. As discussões em torno da educação no país se intensificaram entre as décadas de 20 e 30, principalmente durante a Revolução de 30, momento em que o país passa por

mudanças na economia e na política. Ao mesmo tempo em que acontece o processo de industrialização, algumas mudanças ocorrem no âmbito da educação com o surgimento dos ideais da Escola Nova.

Em 1934, foi criado o Plano Nacional de Educação que previa o ensino primário integral obrigatório e gratuito estendido às pessoas adultas. A partir da década de 40, a educação de jovens e adultos passa por algumas transformações a partir da criação de alguns programas e iniciativas desenvolvidas com o objetivo de aprimorar a educação.

O Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) foi criado para atender a necessidade de mão-de-obra da sociedade capitalista, pois, se tinha em vista que, sem educação profissional, não haveria desenvolvimento industrial. Em 1946, surge a Lei Orgânica do Ensino Primário que previa o ensino supletivo. Em 1947, foi criado o Serviço de Educação de Adultos (SEA), programa desenvolvido para atender as pessoas adultas. Esse programa tinha a finalidade de coordenar e reorientar os trabalhos dos planos do ensino supletivo para adolescentes e adultos analfabetos.

A década de 1960 foi marcada por uma enorme mobilização social em prol da educação de jovens e adultos. Surgem neste período diversos movimentos sociais. Podemos citar, entre eles, o Movimento de Educação de Base, Movimento de Cultura Popular do Recife, Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler.

Em 1964, com o Golpe Militar, todos os programas criados com o intuito de promover uma transformação social foram interrompidos. Os militares apreenderam materiais, houve detenção de dirigentes e alguns foram para exílios. Com o objetivo de controlar as pessoas, em 1967, o governo brasileiro criou o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL). A educação ficou restrita, pois as pessoas eram habilitadas a ler e a escrever somente. O MOBRAL passava a ideia de que as pessoas que não eram alfabetizadas eram responsáveis por sua situação de analfabetismo.

Em 1985, o MOBRAL é extinto com a chegada da Nova República e é fundado o Educar, Fundação Nacional para a Fundação de Jovens e Adultos, logo extinto no ano de 1990.

Já na década de 1990, o Governo Fernando Collor de Mello lança o Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania (PNAC) no período de cinco anos a partir de 1990, alegando que precisava atingir a meta de redução de 70% do número de analfabetos no Brasil. Ainda nessa mesma década, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação reafirmou a institucionalização da modalidade EJA, substituindo a

denominação de Ensino Supletivo por EJA (BRASIL, 1996).

Durante o governo de Luiz Inácio Lula da Silva foi dada maior ênfase à Educação de Jovens e Adultos, com a criação de novos programas voltados para a Educação de Jovens e Adultos. Podemos citar o Brasil Alfabetizado, o Projovem, cujo público alvo são jovens de 18 a 24 anos com escolaridade superior à 4ª série, atualmente denominado 5º ano, o PROEJA, Programa da Integração da Educação Profissional para Jovens e Adultos, que se apresentava como um programa voltado a educação profissional técnica em nível médio.

No governo da presidenta Dilma Rousseff (2011 - 2016), as políticas em favor da EJA foram mantidas e interrompidas com o Golpe de 2016 que promoveu o seu *impeachment*. O governo de Michel Temer (2016 - 2018) não deu atenção para a modalidade e, no governo de Jair Messias Bolsonaro (2019 - atual), não há políticas desenvolvidas para a modalidade, o que levou Sonia Couto Feitosa, doutora em educação pela Universidade de São Paulo (USP), professora aposentada da Rede Municipal de Educação de São Paulo e diretora do Instituto Paulo Freire, afirmar que “A EJA não tem lugar no MEC atualmente.” (Souza, 2020 p. 22)

3. EU, PROFESSORA!

“Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais...” (Rubem Alves)

A prática de ensino, amparada pelo estágio supervisionado, proporciona ao futuro docente a construção da identidade profissional.

Quando, ao início do curso, falávamos em estágio, vislumbrávamos as práticas em salas de aulas presenciais, em contato direto com alunos e professores, porém, eis que veio a pandemia e nossas vidas tiveram seus cursos alterados, estendendo-se também às práticas de estágio que ocorreram de forma remota por meio de plataforma digital de estudos e tivemos que nos adaptar e reinventar, algo que é comum a todo professor.

Segundo Pimenta e Lima (2012, p. 88), o professor

É um profissional do humano que ajuda o desenvolvimento pessoal e intersubjetivo do aluno, sendo um facilitador de seu acesso ao conhecimento; é um ser de cultura que domina sua área de especialidade científica e pedagógica-educacional e seus aportes para compreender o mundo; um analista crítico da sociedade, que nela intervém com sua atividade profissional; um membro de uma comunidade científica, que produz conhecimento sobre sua área e sobre a sociedade. (PIMENTA; LIMA, 2012, p. 88).

Tendo tal afirmação como norte para a prática do estágio e considerando-se as especificidades do momento e aquelas inerentes às turmas de EJA, optamos por trabalhar de forma conjunta à professora titular, escolhendo um conteúdo que fosse agregador ao trabalho por ela desenvolvido.

3.1 Sobre os conteúdos desenvolvidos

“A linguagem não se presta somente para perceber o mundo, para categorizar a realidade, para propiciar a interação social, para informar, para influenciar, para exprimir sentimentos e emoções, para criar e manter laços sociais, para falar da própria linguagem, para ser fonte e lugar de prazer, mas serve também para estabelecer uma identidade social.” José Luiz Fiorim

Com o intuito de formulare/ou reforçar o conceito de identidade social, acordamos por trabalhar os conteúdos de variação linguística e preconceito linguístico, tendo em vista que estes foram assuntos amplamente debatidos ao longo do curso.

Ridicularizar a variante usada por alguém é uma atitude muito agressiva, pois estamos zombando do próprio ser das pessoas. Existe um julgamento social sobre as variantes: algumas são consideradas elegantes e outras, feias. Do estrito ponto de vista linguístico, não existem formas feias ou bonitas pois elas se equivalem. Escarnecer de alguém, por causa da variante linguística utilizada, é mostra de preconceito, de dificuldade de conviver com as diferenças. (FIORIM, p. 22, 2012).

A fim de atender o disposto na BNCC sobre os Temas Contemporâneos Transversais (BRASIL, 2017), optamos por trabalhar com a temática do racismo.

Os Temas Contemporâneos Transversais (TCTs) buscam uma contextualização do que é ensinado, trazendo temas que sejam de interesse dos estudantes e de relevância para seu desenvolvimento como cidadão. O grande objetivo é que o estudante não termine sua educação sem que aprenda sobre os temas relevantes para sua atuação na sociedade (BRASIL, 2017). Assim, espera-se

que os TCTs permitam ao aluno entender melhor: como utilizar seu dinheiro, como cuidar de sua saúde, como usar as novas tecnologias digitais, como cuidar do planeta em que vive, como entender e respeitar aqueles que são diferentes e quais são seus direitos e deveres.

3.2 Descrição da atividades realizadas

3.2.1 Cronograma

Após cumpridas as formalidades exigidas para concessão de estágio junto à escola, foi realizado contato com a professora titular, a fim de apresentar-lhe os planos de aula e, após a sua aprovação, definimos o cronograma (Quadro 1) alinhado ao seu, já constituído, esquema de encontros síncronos em semanas alternadas. As aulas previstas no calendário escolar ocorreram às quartas-feiras, das 21h às 22h30m e nas quintas-feiras, das 21h45m às 22h30m. Aos sábados, o horário era de 7h30m até 11h30m.

QUADRO 1 – CRONOGRAMA DAS AULAS

Data	Número da Aula	Conteúdo (s)
07/04/2021	1 e 2	Apresentação pessoal das estagiárias e alunos; apresentação do plano de ensino
08/04/2021	3	Variação linguística, o que é?
10/04/2021	1S, 2S, 3S, 4S e 5S	Temas transversais: vamos falar sobre racismo?
14/04/2021	4 e 5	Variação linguística situacional ou diafásica. Linguagem formal e informal
15/04/2021	6	Variação linguística social ou diastrática
22/04/2021	7	Variação linguística histórica ou diacrônica
24/04/2021	6S, 7S, 8S, 9S e 10S	Temas transversais: vamos falar sobre racismo?
28/04/2021	8 e 9	Variação linguística geográfica ou diatópica

29/04/2021	10	Preconceito linguístico
05/05/2021	11 e 12	Atividade de revisão do conteúdo e momento de interação social para encerramento do período de estágio.
08/05/2021	11S, 12S, 13S, 14S e 15S	Temas transversais: vamos falar sobre racismo?

Fonte: Autora (2021)

3.2.2 Desenvolvimento

3.2.2.1 Primeiro encontro

Como na primeira semana de estágio não estava previsto encontro síncrono, para a primeira aula foi confeccionado um vídeo de apresentação pessoal das estagiárias, seus objetivos, expectativas e trajetórias. Nesse vídeo foi solicitado aos alunos que enviassem mensagens contando um pouco de si, seus nomes, idades, sonhos, motivos de terem parado de estudar e motivos para retornar, se tinham filhos, grupo de *whatsapp* da turma e na plataforma digital. Infelizmente, nenhum aluno retornou a mensagem, porém alguns entraram em contato para falar sobre suas dificuldades de acesso à plataforma digital.

3.2.2.2 Encontros assíncronos

Em todas as aulas previstas foi postado, simultaneamente, no grupo de *whatsapp* e na plataforma digital, uma imagem ilustrativa e um áudio explicativo sobre o tópico do dia, acompanhados também de uma mensagem informal das estagiárias, disponibilizando-se a sanar quaisquer dúvidas dos alunos.

3.2.2.3 Encontros síncronos

Os encontros síncronos foram realizados através da plataforma digital adotada pela escola. As estagiárias alternavam-se entre regência e observação, acompanhadas pela professora titular. Os tópicos postados no dia, e os postados anteriormente, foram discutidos com os alunos.

Os Temas Contemporâneos Transversais também foram trabalhados de forma síncrona durante as aulas aos sábados.

3.2.3.4 Encerramento

O último dia de estágio não estava na programação dos encontros síncronos. Por esse motivo, optamos novamente pela confecção de um vídeo de despedida das estagiárias e agradecimento à professora e aos alunos.

3.3 Atividades complementares

Como atividade complementar, a fim de atender a demanda apresentada pelos próprios alunos, que admitiram dificuldades em acessar a plataforma, foi desenvolvido pelas estagiárias, um *Tutorial Classroom para Estudantes*, disponibilizado em formato de vídeo e de arquivo em pdf, postados no grupo de *whatsapp* da turma e na plataforma digital.

Também foram disponibilizados *links* de vídeos do *Youtube* para auxiliar na compreensão do conteúdo.

Como forma de chamar a atenção do aluno, cada aula teve um título referente ao tópico a ser apresentado, junto a uma imagem ilustrativa e um áudio explicativo.

3.4 Avaliação

A avaliação do processo de ensino e aprendizagem foi realizada de forma contínua, cumulativa e sistemática. Como instrumento de avaliação, foi disponibilizado um questionário digital com questões referentes aos temas tratados ao longo do estágio.

3.5 Das observações das aulas

A observação é um momento importante de análise metodológica e conhecimento do campo de estágio. Os principais objetivos são conhecer as regras que regem as aulas, bem como a dinâmica entre professor e aluno no processo de ensino-aprendizagem de língua materna.

Este relato refere-se às observações realizadas durante as aulas ministradas pela professora titular da turma e pela colega Camila Richardt. O estágio foi realizado em duplas, e as estagiárias revezaram-se entre observação e regência.

As aulas e os encontros síncronos seguiram o cronograma já estabelecido pela professora titular. Na primeira semana foram disponibilizados vídeos de apresentação das estagiárias e postagem dos conteúdos programados, no grupo de *whatsapp* da turma e na plataforma digital, simultaneamente.

A estagiária Camila Richardt, embora muito apreensiva e um tanto tímida no princípio, com o decorrer do estágio apresentou desenvoltura e competência no exercício da docência. Demonstrou também segurança e conhecimento sobre os conteúdos trabalhados. Camila, por ter bastante familiaridade com as tecnologias digitais, facilitou sua experiência docente.

Os alunos participavam em pouco número, a maioria de forma tímida, mas alguns interagiam satisfatoriamente com as estagiárias, com a professora titular e entre si. Alguns poucos retornaram as respostas das atividades propostas.

A professora titular (P₁) demonstrou bastante empenho em suas atividades e empatia com os alunos, respeitando suas especificidades e especialidades. Demonstrou também grande conhecimento em suas áreas de formação, o que lhe facilitou o trabalho com língua portuguesa e literatura e o uso das ferramentas digitais.

4 O QUE É A EJA?

4.1 Segundo a lei...

*“Não basta que todos sejam iguais perante a lei.
É preciso que a lei seja igual perante todos.”*

Salvador Alende

A Educação de Jovens e Adultos – EJA é uma modalidade de ensino criada pelo Governo Federal que perpassa todos os níveis da Educação Básica do Brasil, destinada aos jovens, adultos e idosos que não tiveram acesso à educação na escola convencional na idade apropriada.

O direito universal à educação foi consagrado a todos cidadãos brasileiros para o início ou conclusão da educação básica, conforme a Constituição Federal (BRASIL, 1988) e a Lei 9.394/96 que trata acerca das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN).

A Constituição Federal do Brasil/1988, incorporou como princípio de que toda e qualquer educação visa o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (CF. Art. 205). Retomado pelo Artigo 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9.394/96, este princípio abriga o conjunto das pessoas e dos educandos como um universo de referência sem limitações. Assim, a Educação de Jovens e Adultos e Idosos, modalidade estratégica do esforço da Nação em prol de uma igualdade de acesso à educação como bem social, participa deste princípio e sob esta luz deve ser considerada. (BRASIL, 1996, p. 5).

Entretanto, apesar de sacramentado este direito da educação para todos pelas leis nacionais, inclusive para jovens, adultos e idosos, ainda hoje muitos não conseguem terminar a educação básica e outros tão pouco chegam a se alfabetizar, conforme reportagem de Oliveira (2019, s.p.):

Mais da metade dos brasileiros de 25 anos ou mais não concluiu a educação básica, de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad) de 2018, divulgados na manhã desta quarta-feira (19) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O ciclo básico de aprendizagem termina quando o estudante se forma no ensino médio. A pesquisa aponta que 52,6% dos brasileiros nesta faixa etária não concluíram o mínimo de estudo esperado. A maior parte, 33,1%, não terminou nem o ensino fundamental. Outros 6,9% não têm instrução alguma, 8,1% têm o fundamental completo e 4,5% têm o ensino médio incompleto[...] O número de brasileiros de 15 anos ou mais que não sabem ler ou escrever um bilhete simples caiu 1,73% em 2018, comparado ao ano anterior, mas ainda soma 11,3 milhões de brasileiros analfabetos ou 6,8% da população. [...] O dado aponta ainda que o Brasil segue sem atingir a meta de redução do analfabetismo proposta no Plano Nacional de Educação (PNE). De acordo com o PNE, o Brasil deveria reduzir o percentual para 6,5% até 2015. Em 2018, este número ainda era de 6,8%. (OLIVEIRA, 2019, s.p.).

4.2 Quem são os alunos da EJA?

“Todos nós sabemos alguma coisa.

Todos nós ignoramos alguma coisa.

Por isso, aprendemos sempre.”

Paulo Freire

Os alunos de EJA, em geral, são pessoas que não tiveram a educação na idade considerada adequada, pelos mais diversos motivos.

Conforme Alvares (2010, p. 1),

Na Educação de Jovens e Adultos encontramos indivíduos das mais diversas origens. Mesmo apresentando uma certa homogeneidade do ponto de vista socioeconômico, eles configuram um grupo culturalmente heterogêneo, pessoas em que se estampam as mais ricas matizes da nossa brasilidade. Dentro de uma mesma sala convivem alunos de diferentes idades e etnias, em múltiplas combinações fisionômicas, homens e mulheres com belezas peculiares, não só nas aparências, mas também nos costumes, nos modos de ser, nas experiências de vida, nos traços culturais, nas preferências culinárias ou musicais; enfim, na EJA é onde se avizinha gente do centro com gente da periferia, gente do litoral com gente do sertão, compondo belos quadros da pluralidade cultural do nosso país. A heterogeneidade presente no conjunto de alunos, no entanto, aponta para a singularidade de cada um. A cada experiência vivida corresponde um indivíduo absolutamente único, a cada enfrentamento de problemas na vida familiar ou no trabalho decorre um saber idiossincrático, um modo de ver e de se relacionar com o mundo inteiramente pessoal.

Segundo o professor alegretense entrevistado, Paulo César Fagundes do Amaral, mestre em educação e pós-graduado em Educação de Jovens e Adultos, as principais causas do abandono escolar vão desde “[...] a necessidade de inserção ao mercado de trabalho para auxiliar nas despesas do lar; Gravidez na adolescência e falta de incentivo familiar.” Já Maria Elia Gonçalves Martins, professora titular da turma em que o estágio foi realizado, mestra em ensino de línguas e especialista em metodologias para o ensino de línguas e literatura, acredita que “Muitas vezes, o aluno não tem maturidade, passa por problemas em sua vida pessoal, ou mesmo por desleixo com os estudos, acaba reprovando, evadindo e abandonando a escola no tempo regular.”

Sobre as motivações para o retorno escolar, tanto Paulo quanto Maria Elia, acreditam que estejam ligadas às necessidades profissionais, uma vez que a maioria das empresas exige instrução escolar, no mínimo de ensino fundamental, em geral de

ensino médio.

4.3 Os professores da EJA

*“Ser educador de jovens e adultos é saborear
simultaneamente o crescimento de
seus alunos e o seu próprio crescimento, é ser
transmissor de uma herança universal, é
ajudar mulheres e homens a se apropriarem de um
legado que lhes pertence por direito.”*

Sonia Carbonell

Professores da EJA requerem um conhecimento diferenciado, pois estão em contato com um tipo diferente de aluno no que diz respeito ao perfil, necessidades, interesses e situações de vida. Porém, segundo Di Pierro (2006, p. 110):

Os docentes que atuam com os jovens e adultos são, em geral, os mesmos do ensino regular. Ou eles tentam adaptar a metodologia a este público específico, ou reproduzem com os jovens e adultos a mesma dinâmica de ensino-aprendizagem que estabelecem com crianças e adolescentes.

Os professores, Maria Elia e Paulo Amaral, acreditam que é necessário um aperfeiçoamento profissional para trabalhar com essa modalidade, mas, sobretudo, acreditam que é necessário um exercício pessoal de empatia com os alunos, um olhar sensível às suas trajetórias de modo a valorizar seus conhecimentos de vida e suas potencialidades e que, segundo Maria Elia, “É preciso estar aberto para abraçar essas realidades todas e valorizar esse leque de experiências diversificadas para ampliar caminhos e possibilidades.”

As políticas públicas destinadas à Educação de Jovens e Adultos são insuficientes e, na visão de muitos autores da área, dentro dessas condições, pontuam-se, além da infraestrutura física e material, currículos adequados à modalidade, condições de atendimento das especificidades dos educandos, valorização dos profissionais da EJA e aqui se incluem salários justos e perene formação dos educadores por meio da obrigatoriedade da existência de disciplinas sobre a EJA nos currículos das licenciaturas, da promoção de especializações e da formação continuada no âmbito da modalidade.

4.4 As tecnologias digitais e o ensino remoto na EJA

"Se tornou aparentemente óbvio que nossa tecnologia excedeu nossa humanidade."

Albert Einstein

Segundo Kenski (2010, p. 93), "O ensino mediado pelas tecnologias digitais redimensiona os papéis de todos os envolvidos no processo educacional. Novos procedimentos pedagógicos são exigidos." Porém, devido a diversos fatores, principalmente falta de investimentos públicos na educação, tais procedimentos não estão de todo presentes, o que ficou muito claro após o início da pandemia.

Enquanto na maior parte das instituições de ensino privadas o uso das tecnologias digitais é uma realidade há muito tempo, nas escolas públicas, o uso é menos comum, quando inexistente, e deve-se a fatores que vão desde a falta de equipamentos até a indisponibilidade de acesso à internet. Os alunos de EJA, entre muitas de suas particularidades, também são um público que, em geral, não tem familiaridade com o uso de tecnologias, o que agravou ainda mais suas dificuldades educacionais.

O ensino remoto durante a pandemia constitui um grande desafio para os profissionais da educação, pois a maioria não estava, e continua não estando, preparada e não tinha, e continua não tendo, as ferramentas adequadas para o trabalho. Para grande parte dos estudantes, o acesso às aulas remotas se tornou um pesadelo pela falta de dispositivos eletrônicos, recursos computacionais e internet banda larga.

A pandemia se soma às desigualdades sociais que perpassam os sujeitos da EJA, deixando-os ainda mais invisibilizados.

O ensino remoto adotado pela SEDUC – RS não contempla muitos dos alunos pelas dificuldades já mencionadas e não atende o disposto no artigo 37 da LDBEN (BRASIL, 1996, p. 30):

SEÇÃO V – Da Educação de Jovens e Adultos Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. (BRASIL, 1996, p. 30).

Refletindo, se o ensino remoto emergencial requer o uso de aparelhos eletrônicos (computadores, *tablets* ou *smartphones*), além de conexão com a internet, estes recursos deveriam ser disponibilizados de forma gratuita.

5 METODOLOGIA

Tendo como objetivo refletir sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e tendo como referência para esta reflexão a questão do relato de experiência, vivido através do estágio supervisionado obrigatório durante a pandemia e com o ensino

remoto, optamos por uma pesquisa de cunho exploratório e análise qualitativa.

Segundo instrutivo da UFJF,

"O relato de experiência é um texto que descreve precisamente uma dada experiência que possa contribuir de forma relevante para sua área de atuação. É a descrição que um autor ou uma equipe fazem de uma vivência profissional tida como exitosa ou não, mas que contribua com a discussão, a troca e a proposição de ideias para a melhoria do cuidado na saúde" (UFJF, 2017, s.p.).

A pesquisa qualitativa, segundo Gonsalves (2011, p. 70), preocupa-se com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão às suas práticas, o que impõe ao pesquisador uma abordagem hermenêutica.

O procedimento metodológico utilizado foi a pesquisa de campo, onde foram coletados dados através de um questionário, de fácil entendimento e resolução. O questionário pode ser entendido como, (...) uma técnica de investigação social composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado (GIL, 2008 *apud* DOURADO, 2013).

Dessa forma, o questionário é um instrumento que visa buscar informações a respeito do sujeito da pesquisa. Por essa razão, foi escolhido esse instrumento, por ser o que melhor se adequava ao objetivo da pesquisa.

A pesquisa realizada foi de cunho exploratório onde, segundo Gonsalves (2011), se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de ideias, com objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno que é pouco explorado. A coleta de dados deu-se através de aplicação de questionário, de cunho qualitativo, que tem por objetivo colher informações acerca do objeto estudado e interpretá-las.

A pesquisa exploratória constituiu-se de um questionário com cinco questões subjetivas respondidas por dois docentes da EJA, Paulo César Fagundes do Amaral e Maria Elia Gonçalves Martins.

Paulo César Fagundes do Amaral possui graduação em História pela Universidade da Região da Campanha (2008), Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos pela Censupeg, Pós-Graduação em Filosofia e Sociologia pelo

Instituto Alfa. Atualmente é agente de cultura e lazer - SESC - Administração Regional do Rio Grande do Sul e docente do Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Integra o Ponto de Cultura Coletivo Multicultural de Alegrete, conforme Lattes disponível em: <http://lattes.cnpq.br/0087277294984210>.

Maria Elia Gonçalves Martins é mestra pelo programa de Mestrado Profissional em Ensino de Línguas na Unipampa - Campus Bagé (2016). É Especialista em Metodologia do Ensino de Língua e Literatura pela Unipampa - Jaguarão (2014), graduada no Curso de Licenciatura em Letras na Unipampa - Jaguarão (2012). Possui também graduação em Tecnólogo em Processamento de Dados pela Universidade Católica de Pelotas (2000). Atua como professora da rede Estadual de Educação - RS, conforme Lattes, disponível em: <http://lattes.cnpq.br/3123210139057344>.

6 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS RESULTADOS

6.1 Entrevista realizada com Paulo César Fagundes Amaral

Qual a sua formação e qual a sua experiência em EJA?

Paulo: Sou Mestre em Educação – UFSM; Pós-Graduado em Filosofia e Sociologia; Pós-Graduado em Educação de Jovens e Adultos e Licenciado em História – URCAMP. Desde 2013, atuo como professor de História, Filosofia, Sociologia e Artes na EJA da Escola Dr. Romário Araújo de Oliveira – Ciep.

Na sua opinião e experiência, quais são as causas e consequências do abandono escolar na infância e adolescência e quais são as motivações para o retorno escolar?

Paulo: São vários os motivos, desde a necessidade de inserção ao mercado de trabalho para auxiliar nas despesas do lar; Gravidez na adolescência e falta de incentivo familiar.

Penso que as principais motivações para esse retorno estejam relacionadas também com a questão do trabalho, visto que, a exigência de Ensino Médio completo, hoje em dia, faz parte da grande maioria das empresas.

Como a formação de alunos da EJA influencia (ou não) no desenvolvimento educacional do país?

Paulo: Toda a oportunidade de acesso à educação colabora com o desenvolvimento de um país, impactando positivamente na melhoria da situação de muitas pessoas. A EJA tem papel fundamental nisso, pois oportuniza a pessoas adultas que, em algum momento de sua trajetória, necessitaram interromper seu processo de aprendizagem e agora, com essa modalidade, tem a plena oportunidade de ascender a sua condição e esperar novos rumos num mundo tão desigual.

Em se tratando de ensino superior, como você observa as perspectivas,

expectativas e realidade de ingresso dos estudantes egressos da EJA?

Paulo: Posso falar da experiência na minha escola. O número de alunos e alunas com essa expectativa é bem razoável, inclusive vários estão cursando licenciatura e cursos técnicos. Essa realidade é bem presente em nossa EJA.

Qual deve ser o perfil e a formação do professor de EJA, considerando as especificidades desta categoria de estudantes?

Paulo: A formação está relacionada à sua área de atuação, porém, penso que todo professor de EJA precisa possuir um olhar sensível à trajetória desses alunos, observar suas potencialidades e interagir, de forma, a criar o vínculo de trocas de experiências e não o de detentor do conhecimento. O aluno e a aluna de EJA tem muito a contribuir nesse processo e isso deve ser valorizado.

Para Paulo, os jovens e adultos que ingressam na EJA buscam por concluir os estudos após terem que abandonar os estudos na adolescência devido à busca de trabalho, auxílio em casa e gravidez na adolescência, levando ao outro fato que o abandono escolar não possibilita melhoria de emprego a esses discentes, visto que o mercado de trabalho atualmente exige, no mínimo, o ensino médio completo para melhorar as oportunidades de trabalho. Segundo ele, o acesso à educação traz fatores positivos para a educação e desenvolvimento profissional e econômico. Percebemos também, na fala de Paulo, que alunos da EJA buscam por profissionalização, no momento que terminam os estudos, em ingressar em cursos técnicos ou superior. Referente ao perfil de formação, Paulo reflete que as experiências e vivências em sala, aliada à formação, auxiliam na melhor formação em sala de aula.

6.2 Entrevista realizada com Maria Elia Gonçalves Martins

Qual a sua formação e qual a sua experiência em EJA?

Maria Elia: Sou formada na área de tecnologias pela UCPEL. Minha segunda graduação é em Letras:Português/Espanhol e respectivas Literaturas pela Unipampa Jaguarão. Sou especialista em metodologias para ensino de línguas e literatura pela Unipampa Jaguarão e sou mestra em ensino de línguas pela unipampa Bagé. Toda minha experiência com EJA se constitui a partir do momento que prestei concurso para o quadro de professores do magistério estadual. Foi através da experiência profissional que conheci a modalidade, embora tenhamos algumas disciplinas no curso de Letras que trazem aspectos do EJA, nada se compara à experiência de sala de aula.

Na sua opinião e experiência, quais são as causas e consequências do abandono escolar na infância e adolescência e quais são as motivações para o retorno escolar?

Maria Elia: Acredito que, muitas vezes, o aluno não tem maturidade, passa por problemas em sua vida pessoal, ou mesmo por desleixo com os estudos, acaba reprovando, evadindo e abandonando a escola no tempo regular. Contudo a própria vida e necessidades profissionais fazem com que esse aluno acabe retornando aos seus estudos mais adiante, muitos optam pela modalidade EJA, por ser mais rápida.

Como a formação de alunos da EJA influencia (ou não) no desenvolvimento educacional do país?

Maria Elia: Acredito que é dever da federação oportunizar, para aqueles que não conseguiram concluir seus estudos no tempo regular pelas mais diversas razões, modalidades de ensino que proporcionem formação e oportunidades para se especializarem, e terem mais chances no mundo que nos cerca. Seja para satisfação pessoal, para adquirir novos conhecimentos, para ter melhores oportunidades de trabalho, ou mesmo para dar continuidade aos estudos e tentar um curso universitário.

É direito constitucional a democratização do acesso à educação. Precisamos avançar no que diz respeito à educação em nosso país e a modalidade EJA torna-se fundamental para os mais vulneráveis.

Em se tratando de ensino superior, como você observa as perspectivas, expectativas e realidade de ingresso dos estudantes egressos da EJA?

Maria Elia: Observo que muitos enxergam como algo ainda distante, principalmente os mais vulneráveis, a necessidade de dedicar ao sustento da família acaba por ceifar esses sonhos. Tento sempre motivar meus alunos do EJA para que tentem penetrar nesse universo do ensino superior. Vejo avanços na democratização do ensino superior, mas ainda há muito o que ser feito para que, além de acessar esse universo, os alunos possam permanecer nele, através de bolsas e incentivos. Contudo o constante corte de verbas e congelamentos na área de educação propiciam o efeito contrário, há o encolhimento de oportunidade para que esse estudante oriundo do EJA possa entrar e permanecer no ensino superior.

Qual deve ser o perfil e a formação do professor de EJA, considerando as especificidades desta categoria de estudantes?

Maria Elia: Acredito que o professor deve se aperfeiçoar para trabalhar com essa modalidade, políticas públicas que propiciem formação continuada são fundamentais. Além disso, temos que compreender que o aluno de EJA quer recuperar o tempo perdido, quer objetividade e trabalhos mais voltados para a realidade do aluno. Sem contar que a modalidade EJA abarca uma diversidade imensa de experiências, é preciso estar aberto para abraçar essas realidades todas e valorizar esse leque de experiências diversificadas para ampliar caminhos e possibilidades.

Maria Elia acredita, baseada em sua experiência, que um dos motivos para a evasão escolar parte do discente por motivos pessoais, seja por desmotivação ou incentivo. Referente à visão dos discentes da EJA, em vista de uma formação superior, ela percebe que, para a maior parte dos alunos, a formação superior é algo

mais distante, visto a vulnerabilidade social e condições financeiras. Referente à formação docente para trabalhar com a EJA, a docente enfatiza que a formação continuada e o ensino voltado para a realidade desses discentes, é necessária para um caminho de possibilidades e experiências significativas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“De tudo, ficaram três coisas: a certeza de que ele estava sempre começando, a certeza de que era preciso continuar e a certeza de que seria interrompido antes de terminar. Fazer da interrupção um caminho novo. Fazer da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sono uma ponte, da procura um encontro.” — Fernando Sabino, livro O Encontro Marcado

Para finalizar, trago uma reflexão sobre o estágio remoto, em uma turma de EJA, e como essa experiência pode contribuir em minha formação docente.

O estágio em uma turma de Educação de Jovens e Adultos me proporcionou um maior entendimento sobre os sujeitos que a constituem, professores e alunos, e um olhar ainda mais respeitoso a eles e suas histórias de vida e de superação. O professor muitas vezes tem uma rotina semelhante a do aluno, trabalha o dia todo em outras turmas, outras escolas e à noite, já cansado, encara mais uma turma de alunos. O aluno de EJA, em geral, é um trabalhador ou está à procura de um emprego e busca nesta modalidade um enriquecimento aos seus conhecimentos ou, muitas vezes, apenas um certificado de conclusão do ensino fundamental ou médio.

Sobre o objetivo geral deste trabalho, que é a reflexão sobre o ensino remoto em contexto pandêmico, compartilhada entre educando (as), estagiárias e professores (as), considerando-se as especificidades da EJA, posso dizer que foram alcançados por meio da metodologia desenvolvida e das pesquisas bibliográficas., e também suscitaram novas reflexões que desenvolveram-se no decorrer do trabalho.

Durante a pesquisa, para a realização deste trabalho, observei que muito pouco ou quase nada é tratado sobre os alunos egressos da EJA e o ensino superior. Tratamos essa modalidade apenas como meio de alfabetização ou conclusão da educação básica, com muito pouco incentivo ao ensino superior, como se a educação básica bastasse àqueles que não a tiveram na ‘idade adequada’. Mas qual é a idade adequada para aprender, para conhecer, para se desenvolver intelectualmente?

O aluno de EJA, já socialmente excluído, vem de uma realidade socioeconômica de baixos recursos e, na maioria das vezes, não tem a ambição pelo ensino superior, e a escola também não incentiva.

O ensino remoto salientou ainda mais essa realidade, pois os alunos muitas vezes não têm os meios necessários e outros não dominam o uso de tecnologias.

Inclusive, durante o estágio, alguns alunos nos procuraram para dizer que não sabiam acessar a plataforma de estudos e, diante dessa dificuldade, elaboramos um material de apoio, o Tutorial *Classroom* para Estudantes. O ponto que chamou a atenção é o de que até para os professores titulares os alunos tinham vergonha de admitir sua ignorância. Uma aluna nos relatou que, em função da pandemia, teve que morar na zona rural onde não tinha acesso à internet e o fazia apenas uma vez por semana, quando ia à cidade. Então ela copiava manualmente todos os materiais e atividades que haviam sido disponibilizados durante a semana anterior e encaminhava as atividades solicitadas. Nem sempre conseguia fazer tudo no mesmo dia e muitas coisas ficavam para depois.

Como posso conceber que o direito à educação é dado a todos, da mesma maneira?

As políticas públicas voltadas para a Educação de Jovens e Adultos são ínfimas. A última versão da BNCC, atualizada em 2019, não traz absolutamente nada referente à modalidade. É como se o aluno de EJA fosse punido por não ter concluído a educação básica na 'idade adequada' e que agora deve contentar-se com o que tem. E então lhe é negado o direito de sonhar.

A precarização da educação pública sob a irresponsabilidade, incompetência e desinteresse dos governantes é vergonhosa para a nação. Mas, como já disse Darcy Ribeiro "A crise da educação no Brasil não é uma crise, é um projeto". É um projeto de imbecilização do povo, de aculturação. Assim fica mais fácil aos governantes terem domínio sobre ele e estão conseguindo, infelizmente.

Contudo, sou educadora, logo, sou sonhadora e acredito piamente na educação como fator de transformação social, pois um povo que tem senso crítico, que tem conhecimento, sonhos e que sabe serem esses sonhos possíveis, não será dominado, não será subestimado. Será respeitado.

Desejo, portanto, que todos, em qualquer idade, tenham acesso à educação pública de qualidade e comprometo-me a fazer tudo que estiver ao meu alcance para que esta seja a realidade de todos os brasileiros. É um plano ambicioso, eu sei, mas o que seria de nós sem os sonhos?

REFERÊNCIAS

ALVARES, Sonia Carbonell. **Educação estética para jovens e adultos: a beleza no ensinar e no aprender.**São Paulo: Cortez, 2010.

ARRUDA, José Jobson de A.; PILETTI, Nelson. **Toda a história do Brasil, da colônia à república.** 11. ed. São Paulo: Saraiva, 1988.

BRASIL. **Anuário brasileiro da educação básica.** São Paulo: Moderna, 2012.

BRASIL. MEC. **Temas contemporâneos Transversais na BNCC.**Brasília – DF: MEC, 2019. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/contextualizacao_temas_contemporaneos.pdf. Acesso em: 12 maio 2021.

BRASIL. MEC. **Lei n.º 9394, de 20 de dezembro de 1996.**Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília - DF: MEC, 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em: 28 maio 2021.

BRASIL. MEC. Conselho Nacional de Educação. **Parecer 11/200º. Diretrizes Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos.** Brasília - DF: MEC, 2000. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/PCB11_2000.pdf. Acesso em: 11 junho 2021.

COUTO, Mia. **No ensaio/conferência ‘Dar tempo ao futuro’. no livro “E se Obama fosse africano? e outras intervenções Ensaio”.** Lisboa: Editorial Caminho, 2009.

DAHER, Júlia. **A EJA não tem lugar no MEC atualmente”, afirma Sonia Couto.** 2019. Disponível em:<https://www.deolhonosplanos.org.br/100-dias-de-bolsonaro-eja/>. Acesso em: 24 maio 2021.

DI PIERRO, Maria Clara. Contribuições do I Seminário Nacional de Formação de Educadores de Jovens e Adultos. *In*: SOARES, Leôncio (Org.). **Formação de Educadores de Jovens e Adultos.** Belo Horizonte: Autêntica/Secad-MEC/Unesco, 2006.

DOURADO, Alex da Silva Dourado. **Fatores estruturais das políticas de EJA que impactam na permanência e nas interrupções do percurso escolar dos alunos de EJA.** 2013. 83 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) -Universidade de Brasília, Universidade Aberta do Brasil, Carinhanha-BA, 2013. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/5229>. Acesso em: 11 junho 2021.

FIORIN, José Luiz. **Quase no crepúsculo de um dia ensolarado da primavera de 2012.** 2012. Disponível em:https://trechos.org/wp-content/uploads/2020/06/Linguistica-Que-e-isso-www.trechos.org_.pdf. Acesso em: 30 maio 2021.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre introdução à pesquisa científica.** 5. ed. rev. e ampl. Campinas: Alínea, 2011.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação.** 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 2010.

OLIVEIRA, Elida. Mais da metade dos brasileiros de 25 anos ou mais ainda não concluiu a educação básica, aponta IBGE. **G1. Globo**, 19 jun. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/06/19/maisda-metade-dos-brasileiros-de-25-anos-ou-mais-ainda-nao-concluiu-a-educacao-basica-apontaibge.ghtml>. Acesso em: 28 abr. 2021.

PIMENTA, S.G.; LIMA, M.S.L. **Estágio e docência.** 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SOUSA, Geovanna Bernardes. Um estudo sobre a Educação de Jovens e Adultos: história, concepções e sujeitos. PUC. 2020. Goiás.

UFJF. Instrutivo pra Elaboração de Relato de Experiência. 2017. Disponível em: <https://www.ufjf.br/nutricaoogv/files/2016/03/Orientações-Elaboração-de-Relato-de-Experiência.pdf>. Acesso em: 11 junho 2021.